

Alfredo Pimenta

Conheci Alfredo Pimenta quando ele era ainda Conservador da Torre do Tombo. Falei com ele várias vezes. Conversas casuais sobre livros, documentos, história de Portugal. Recordo que certa vez se mostrou particularmente interessado num estudo meu sobre o Padroado Português do Oriente. Tive então oportunidade de lhe avaliar, com admiração, a sua vasta cultura.

A partir de então, e ainda por sermos vizinhos (ele de Guimarães e eu de Joane, Vila Nova de Famalicão) ficámos a estimar-nos mais ainda. O nosso convívio, porém, manteve-se sempre dentro dos limites de amável cortesia. Da sua polifacetada obra interessava-me principalmente a história. Os seus *Estudos Históricos*, por isso, eram por mim a cada passo citados. Ele correspondia com amabilidade às minhas interrogações. Político — parece-me que nunca abordámos esta matéria. Polémico — também tal assunto não penetrou nos nossos casuais diálogos. Católico — sim, recordo algumas observações a tal respeito.

Foi, sem dúvida, a figura política e literária que mais se discutia em diversos sectores. Respeitava os seus adversários. Polemista conhecido, defendia os seus pontos de vista com ardor. Quando, de vez em quando, eu me referia a tal assunto — talvez com a mórbida curiosidade de conhecer a sua opinião a respeito disto ou daquilo — afastava delicadamente a conversa para assuntos que mais me interessavam.

Isto, quanto a recordações pessoais. Admirava-o sobretudo pelos seus estudos históricos. Gostava de documentar-se, o que me impressionava favoravelmente. É que tal cuidado recordava-me o que em Louvain se dizia a cada passo: «pas de documents, pas d'histoire». Muito mais velho do que eu, não se coíbia de me dar as suas impressões sobre crítica histórica. Eu aceitava-as com prazer, pois eram fruto duma vida de estudo aturado e sério.

Tive oportunidade então de estudar um bocado da sua trajectória intelectual. Vindo do anarquismo, através de sucessivas

mutações, pararia apenas ao atingir a monarquia. E — o que mais me impressionava — não escondia tal evolução intelectual. Fiquei com a impressão de que nunca perdera a fé. Assunto muito íntimo, nunca o abordámos. Baseio a minha conclusão em referências indirectas por ele admitidas.

Lisboa, 31 de Março de 1981.

A. Silva Rego